

CIVILIZAÇÃO FENÍCIA

Fenícia era uma estreita faixa de litoral da Síria, no Mediterrâneo, limitado ao norte pelo Rio Orontes, ao sul pelo Monte Carmelo e a leste pela Cadeia do Líbano, coberta por espessas florestas, com montanhas que avançam por toda a costa, caindo a pique sobre o mar. Embora muito férteis, eram pouco extensas suas terras cultiváveis. Mas, por outro lado, as montanhas do Líbano, além de servirem de defesa natural contra invasores do interior, eram ricas em cobre, em madeiras (como o cedro) e resinas, muito úteis para a fabricação de navios, pois os fenícios, pela própria localização geográfica, estavam destinados ao mar.

Os fenícios conquistaram fama de marinheiros intrépidos e ativos comerciantes. Até o terceiro milênio a.C. os seus antepassados povoaram o Sul e o Oeste da Palestina. Dividiram em várias tribos, que falavam línguas semíticas. Já no terceiro milênio começaram a destacar-se, emigrando para o norte, ao longo do litoral Mediterrâneo, onde fundaram, nas costas da Síria, suas primeiras povoações, que no futuro viriam a ser cidades de Ugarite, Gebal (em grego Biblos) e Sidon. Surgiu mais tarde Tiro em grego. Essas comunidades constituíram-se a base do estado Fenício.

Certamente, foi a navegação e a conseqüente expansão comercial, o aspecto mais característico da civilização Fenícia. Mas, além disso, foram também exímios artesãos, sabendo trabalhar muito bem a madeira, o marfim, os metais, sendo famosos na antiguidade pelos objetos de vidro-transparente que fabricavam. Descobriram a técnica de tingir os tecidos, com o corante vermelho, a púrpura, extraído de um molusco, o murex, encontrado nos mares vizinhos.

O comércio marítimo no Mediterrâneo tinha sido iniciado e passaram a dominar o mercado Mediterrâneo, mas, com a decadência do Egito e de Creta, os fenícios monopolizaram a região, expandindo a navegação e o comércio marítimo além das fronteiras até então conhecidas. Os fenícios foram indiscutivelmente os melhores navegadores da antiguidade.

O que diferenciava os fenícios de outros povos da antiguidade era o fato de não serem guerreiros, colonialistas interessados em exercer o poder através da formação de um grande império. Expandiram sua influência pacificamente, muitas vezes pagando tributos a potência estrangeira a fim de comprar sua segurança. Eram sobretudo mercadores, cujas as rotas marítimas eram mantidas em segredo, o que garantia o monopólio. Navegavam a noite, guiando-se pelas estrelas, e por muito tempo a estrela Polar foi conhecida como "estrela dos fenícios".

Realizações Culturais dos Fenícios

Se em muitos aspectos os fenícios não foram criadores originais, demonstraram saber aproveitar e desenvolver as invenções alheias, dando-lhes a marca de sua propriedade. Assim, uma das maiores criações culturais dos fenícios, a escrita alfabética, foi desenvolvida a partir dos caracteres egípcios, que já haviam adquirido um senso silábico. Os fenícios aperfeiçoaram a descoberta egípcia, criando vinte e dois sinais que representavam os sons elementares das sílabas. Essa criação era provavelmente uma decorrência da necessidade de uma escrita adequada para o desenvolvimento de uma navegação e do seu próprio comércio. Essa escrita teria que ser mais simples que a cuneiforme e os hieróglifos. Ao que tudo indica, a escrita alfabética parece ter se formado no segundo milênio a.C. e, simultaneamente, em cidades diferentes. Os caracteres fenícios serviram inclusive para a continuação do alfabeto grego, aramaico, latino e russo. Basta lembrar que

a própria palavra deriva do nome das duas primeiras letras fenícias alef (touro) e bet (casa), que se tornaram, posteriormente, o alfa e o beta dos gregos. No alfabeto fenício, todavia, a sua falha era a ausência de sinais que representassem as vogais, falha essa observada ainda hoje nas escritas árabes e hebraica.

Religião

Caracterizava-se como a maioria das outras religiões da antiguidade, pela coexistência de um culto oficial, com outros cultos populares ou agrícolas. Cada cidade tinha os seus deuses oficiais: o Baal (o senhor) e a Baalat (a senhora). Em Biblos, por exemplo, eram identificados por Adonis e Astarte, em Ugarite, por Aleim e Anet, e em Tiro, por Melcarte apenas. Além das honras como protetores, o Baal e a Baalat de cada cidade eram considerados também deuses da fecundidade e das plantas. A solenidade principal do culto oficial celebrava o início dos trabalhos agrícolas e identificava com o mito da ressurreição, ou com o aproveitamento do deus da fecundidade.

Apesar de terem se destacado como comerciantes e navegadores, a religião dos fenícios tinha um caráter nitidamente agrário, talvez pelo fato de terem sido inicialmente agricultores. O povo, principalmente, sempre dava primazia aos cultos agrícolas, consagrados aos deuses benfazejos da chuva, da fertilidade do solo, das lidas no campo. Uma característica marcante nos cultos eram os sacrifícios humanos ao Baal e a licenciosidade dos rituais aos deuses da fecundidade.

Política

Na Política cada um tinha a sua própria política. Agrupados em cidades estados, mantinham-se unidos apenas pela localização territorial e por interesses econômicos, rivalizando-se entre si pela hegemonia política, que cada um exercia temporariamente sobre as demais. Essas cidade-estado eram governadas por dois sulhetas, representantes da oligarquia dos mercadores. As primeiras cidades a obterem supremacia política-econômica sobre as outras foram Biblos que desde o III milênio a.C. mantinham relações comerciais com o Egito, e Ugarite, que nos fins deste mesmo milênio já comerciava com o Egito e Creta.